

O PROEJA, A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E O MUNDO DO TRABALHO

ROSMANN, Márcia Adriana¹

Palavras-chave: Educação. Jovem-Adulto. Profissionalização. Cidadania.

A Educação de Jovens e Adultos foi implementada em nosso país por meio de políticas públicas e visavam a alfabetização das pessoas que não tiveram a oportunidade de acesso e permanência na escola em “tempo próprio”. Por isso, tais políticas de inclusão, quando destinadas ao desenvolvimento do Ensino Fundamental e Ensino Médio, não passavam do que podemos chamar de “programas pilotos” e, dessa forma, não atendiam as demandas educacionais e as necessidades da sociedade brasileira.

Esse é o retrato educacional nacional, social e histórico que se apresenta e requer o resgate da dignidade, da cidadania e da auto-estima de uma imensa parcela de brasileiros que ao longo de nossa história vêm sendo contabilizada como números e não como pessoas excluídas do sistema educacional em nosso país. Logo, surge o PROEJA (Programa de Integração da Educação Profissional com Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos), instituído inicialmente pelo Decreto 5478 de 25 de junho de 2005. Após discussões com as instituições federais de educação tecnológica que reivindicavam, entre outros pontos, maior prazo para a implementação do Programa, o decreto foi substituído pelo 5840 de 13 de julho de 2006.

O referido programa a ser desenvolvido pela rede Federal de Educação Ciência e Tecnologia e que pode também ser adotado pelos Estados e Municípios, surge como uma nova perspectiva para jovens e adultos que não tiveram condições de completar a educação básica no chamado “tempo próprio”. Cabe salientar aqui, que essa nova perspectiva rompe inclusive com o termo “tempo próprio”, mostrando que todo tempo é próprio para construir cidadania e inclusão social.

Este texto é fruto de uma pesquisa-ação, que objetiva realizar um diálogo teórico-prático com os sujeitos envolvidos com o PROEJA – Docentes e Estudantes, em âmbito escolar, na tentativa de conhecer, sistematizar e correlacionar os desafios e os objetivos dos mesmos.

¹ Professora de Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Santo Augusto, Coordenadora do Curso Técnico Integrado de Nível Médio “Operações Comerciais”, na modalidade PROEJA; marcia.rosmann@sa.iffarroupilha.edu.br.

Considerando os princípios da Andragogia², os quais devem favorecer e estimular o adulto a aprender, o Projeto Pedagógico de Curso - PPC do PROEJA precisa considerar que os alunos, jovens e adultos tornam-se dispostos a iniciar um processo de aprendizagem, desde que compreendam sua utilidade. Além disso, pensar um currículo dinâmico, com proposições específicas, com vasta revisão teórica e metodológica, tem sido parte integrante e instigante da coordenação do PROEJA e de toda a equipe envolvida. Os Cursos de EJA e PROEJA devem oportunizar ao jovem-adulto participação ativa na sua própria aprendizagem e, que o mesmo possa intervir nas rotinas e programas, bem como na realização e evolução de suas atividades educativas, em condições de igualdade com seus companheiros, participantes e com seu professor. A referida pesquisa-ação prevê o desenvolvimento de atividades extracurriculares, na tentativa de facilitar a aprendizagem e reduzir a evasão escolar. Tudo isso, associado a um ambiente de aprendizagem adequada, determina o que poderíamos chamar de práxis andragógica.

Aprender não tem hora, nem idade, nem lugar. Guy Claxton, no livro “O desafio de aprender ao longo da vida”, discute as “diferenças culturais na aprendizagem”, e dentre elas, sete “crenças sobre a aprendizagem”. Vale salientar a terceira delas: “aprender é para os jovens”. Diz o autor:

Quem aprende? A quem se dirige a aprendizagem? Uma visão geral diria que aprender é, fundamentalmente, uma atividade do - e para o - jovem. [...] Movimentos sociais como o ‘poder grisalho’ e a Universidade da Terceira Idade estão dedicados a combater o efeito invalidante dessa crença sobre a aprendizagem das pessoas idosas. Se a aprendizagem ao longo da vida é realmente uma realidade, essa crença precisa ser reexaminada. (CLAXTON, 2005, p. 25-36).

Portanto, a aprendizagem está muito mais relacionada com situações oportunas e inclusivas do que com o “tempo próprio”. Aprender é um ato de criação, um agenciamento complexo de informações, e mais, é a possibilidade de modificar-melhorar o contexto. O aprender vai além do saber. É fonte inesgotável de vivência para o sujeito jovem-adulto. É possibilidade de (re) fazer o percurso/caminho vital e profissional. Com essa breve reflexão inicial pretendemos discutir algumas questões que estão sendo pensadas no IFFARROUPILHA – Campus Santo

² Andragogia é a ciência que busca compreender como ocorre a aprendizagem na fase adulta do ser humano, em todos seus âmbitos – psicológicos, biológicos e sociais. É a efetivação do processo educativo por meio de situações, e não por disciplinas, a construção do currículo é em função da necessidade do estudante; a experiência do aprendiz é fonte de maior valor. Os adultos aprendem da mesma forma que as crianças? Apresentam as mesmas motivações, necessitam de facilitadores? Malcom Knowles, na década de 70, do século passado, sugere a substituição da Pedagogia pela Andragogia, quando nos referirmos ao processo de ensino aprendizagem de adultos. Andragogia, para Knowles, significa: “a arte e a ciência de ajudar os adultos aprender”, ele foi influenciado pela filosofia educacional de Joan Dewey (1859-1952) e pelas investigações de Edward C. Lindeman, publicadas em 1926, com o título “O significado da educação de Adultos”, nos EUA.

Augusto, na tentativa de incluir e possibilitar, aos sujeitos do PROEJA, uma aprendizagem de qualidade, tanto para sua vida, quanto para sua profissão.

Para tanto, faz-se necessária a construção de uma nova sociedade sob a base da justiça social, da igualdade, dos direitos humanos, da democracia social. A educação profissional e tecnológica precisa promover os diversos diálogos e desenvolver – em resposta a diversidade cultural, as necessidades dos sujeitos e de suas comunidades, a interação dos diferentes saberes -, que possibilitarão a formação integral dos sujeitos.

A formação profissional de nível médio precisa desenvolver-se na integralização do currículo, pois esta

[...] é uma possibilidade de inovar pedagogicamente na concepção de ensino médio, em resposta aos diferentes sujeitos sociais para os quais se destina, por meio de uma concepção que considera o mundo do trabalho e que leva em conta os mais diversos saberes produzidos em diferentes espaços sociais. Abandona-se a perspectiva estreita de formação integral dos sujeitos, como forma de compreender e se compreender no mundo. (MEC; SETEC, 2007, p. 43).

É importante observar que no seio deste debate há algumas tensões que merecem destaque, tais como algumas consequências da implantação do ensino médio integrado ao ensino técnico, uma inovação recente na educação profissional e tecnológica brasileira. Uma delas se refere a como resolver questões organizativas e metodológicas da construção deste currículo integral, integrado e integrador. A outra diz respeito ao como solucionar conflitos latentes e manifestos entre professores das disciplinas do ensino médio e professores dos conteúdos específicos da Educação Profissional e Tecnológica - EPT causados pelos estranhamentos recíprocos e disputas por espaços, hierarquização de saberes e de poderes, causando o empobrecimento do processo de ensino-aprendizagem deles próprios e consequentemente dos estudantes.

Defendemos, portanto, que a educação profissional não apenas enfatize a formação técnica, mas também desenvolva profissionais éticos, comprometidos, responsáveis e críticos quanto ao modelo de desenvolvimento sócio-político-econômico vigente. Para isso, o planejamento docente precisa estar pautado na perspectiva de uma educação continuada – ou como fala Claxton (2005) “o desafio de aprender ao longo da vida”.

De acordo com o documento base do MEC/SETEC para a implementação do PROEJA, “é necessário, também, estabelecer a relação entre educação profissional, ensino médio e EJA”, ou seja, é fundamental que a instituição que inclui o sujeito estudante, nesse relato o

IFFARROUPILHA – Campus Santo Augusto, considere sua vivência sócio-afetivo e sua experiência profissional.

O mercado de trabalho não está mais absorvendo o trabalhador que dispensa apenas mão de obra, mas aquele que saiba refletir sobre seu contexto profissional. Por isso, é imprescindível que os estudantes, quando formados, consigam desenvolver suas atividades profissionais diante de uma perspectiva de “visão de mundo”, para além, do chamado “conhecimento do senso comum”. Quanto a esse fator, pensemos na capacidade organizacional prévia do trabalhador, que perpassa algumas questões, quais sejam: o quê? (que se refere à ação do trabalho); para quê? (capacidade de refletir sobre a condição da sua ação no trabalho); por quê? (refletir sobre a satisfação – econômica, pessoal – ou não, causada pelo trabalho); como? (condições de trabalho, se são favoráveis, significativas, inclusive para a humanidade).

Diante desse cenário, nos cabe, enquanto Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, contribuir com a formação humana e profissional de sujeitos vulneráveis, propiciando a inclusão social desse público que não permaneceu na escola em “tempo próprio”.

O Ensino Médio Integrado, enquanto concepção de ensino, constitui-se já em grande avanço no que diz respeito a quebra da visão dualista que tem imperado entre ensino médio de um lado e profissionalizante de outro, mas este avanço não assegura, por si só, a conquista de um novo currículo, de uma nova cultura pedagógica para o ensino-aprendizagem no PROEJA.

Torna-se urgente uma nova postura por parte dos docentes, um novo foco nas políticas públicas e nas políticas de gestão das instituições de ensino, para que possamos compreender e vivenciar o sentido e o significado da educação integral. Quebrar os paradigmas pedagógicos, vigentes em muitas instituições de Educação formal é premissa básica para efetivação de um currículo dinâmico e diferenciado para os estudantes desta modalidade de educação.

É fundamental uma postura mais crítica da própria sociedade e de cada indivíduo no sentido da promoção de um modelo de desenvolvimento compatível com os mais variados e complexos problemas que se apresentam na atualidade. Especificamente no que se refere à formação profissional de jovens e adultos é relevante que também se crie uma cultura de valorização dos sujeitos estudantes e docentes, para que os mesmos consigam efetivar, em suas práticas profissionais, atitudes e posturas maduras e autônomas, pois nem sempre os estudantes do PROEJA buscam a escola pensando em mudar drasticamente de profissão, mas, buscam-na por afirmações inclusivas e de cidadania.

Referências

ANTUNES, Ângela; Padilha, Paulo Roberto. **Educação cidadã, educação integral: fundamentos e práticas.** São Paulo: Ed,L, 2010.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Formação de professores para a educação profissional e tecnológica e a necessária atitude docente integradora.** In: Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica. Brasília: MEC/SETEC, 2008. p. 479-496.

CLAXTON, Guy. **O desafio de aprender ao longo da vida.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no Brasil: inovações em processo.** São Paulo: Ed,L, 2009.

MACHADO, Lucília. **Fórum mundial de educação profissional e tecnológica: convergências e tensões.** In: Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica. p. 438-453.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PROEJA: programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de jovens e adultos.** Documento Base. Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. **Formação de professores para a educação profissional.** In: Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica. p. 454-478.

OLIVEIRA, Edna Castro de. **A prática como princípio da formação na construção de currículos na EJA.** In: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente / organização de Leôncio Soares. et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.